ISSN: 2358-8829

DO LIVRO À TELA: VALORIZAÇÃO DA ANCESTRALIDADE AFRICANA, ARTE E LITERATURA COMO FERRAMENTAS DE DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E COMBATE AO RACISMO ESCOLAR

Fernando Bezerra Leão de Ataíde Cavalcanti [1]
Paula Lúcia Morais [2]
Jerfeson Moizinho Vieira [3]
Gabriel Pedro Barbosa [4]
Evangelina Leão de Ataíde Cavalcanti Neta [5]

INTRODUÇÃO

A educação, enquanto prática social e instrumento de formação humana, desempenha um papel fundamental na construção de uma sociedade comprometida com o respeito à diversidade, à valorização das diferenças e ao enfrentamento das desigualdades étnico-raciais. Nesse contexto, a escola constitui um espaço privilegiado para desenvolver ações pedagógicas que promovam o reconhecimento da história e da cultura africana e afro-brasileira, contribuindo para desconstruir estereótipos, combater o racismo e fortalecer a construção de identidades. Para tanto, torna-se necessário ampliar as possibilidades de ensino para além dos conteúdos tradicionalmente abordados, incorporando práticas que valorizem a ancestralidade, a memória, a representatividade e as diferentes expressões culturais.

É nessa perspectiva que se desenvolve a presente pesquisa, resultante de uma prática pedagógica realizada por meio de uma oficina direcionada a turmas do Ensino Médio, tendo como principal referência a obra O Pequeno Príncipe Preto, de Rodrigo

[1]Graduando em Agroecologia (Bacharelado) Pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB , fernandoagroecologo@gmail.com;
[2] Doutoranda em no Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Federal da Paraíba - UFPB; Mestre em Ciências Sociais, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - :paulamoraissociologia16@gmail.com;
[3] Graduando do Curso de Licenciatura em Letras Portuges e Espanhol (UAB) da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, jerfesonmoizinhovieira@gmail.com;
[4] Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Gabriel.barbosa@aluno.uepb.edu.br;
[5] Professor orientador: Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia - PPGS, evagelinaleao34@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

França. A escolha da literatura como ponto de partida justifica-se por sua capacidade de promover reflexões sobre identidade, pertencimento, ancestralidade e diversidade cultural, possibilitando aos estudantes o contato com narrativas que valorizam a história e os conhecimentos dos povos africanos. A obra apresenta elementos que permitem discutir a importância das raízes ancestrais, da valorização da população negra e da riqueza histórica, cultural e social do continente africano, contribuindo para ampliar perspectivas que, historicamente, foram marginalizadas ou representadas de maneira estereotipada nos espaços educativos.

A partir da leitura e da discussão da obra, a proposta buscou estabelecer relações entre literatura, educação antirracista e produção artística, compreendendo a arte como uma linguagem capaz de expressar experiências, sentimentos, questionamentos e posicionamentos sociais. Nesse sentido, a oficina teve como objetivos compreender a importância da ancestralidade e dos elementos da cultura africana presentes no livro, reconhecendo sua relevância histórica e social; estimular a reflexão crítica sobre o racismo e suas manifestações no cotidiano escolar e na sociedade, utilizando a literatura e o diálogo como instrumentos de conscientização e transformação; e produzir pinturas em tela que expressassem sentimentos, denúncias, inspirações e mensagens de resistência.

A produção artística constituiu uma etapa fundamental da experiência pedagógica, uma vez que possibilitou aos estudantes transformar as reflexões desenvolvidas durante a oficina em expressões visuais. As pinturas elaboradas foram concebidas como manifestações de resistência, respeito, valorização da identidade negra e enfrentamento ao racismo, buscando ocupar o ambiente escolar com representações que afirmassem a diversidade e a importância da cultura africana e afro-brasileira. Dessa forma, as telas não foram compreendidas apenas como resultados de uma atividade artística, mas como produções simbólicas e políticas, capazes de comunicar posicionamentos, denunciar práticas discriminatórias e estimular novas formas de perceber as relações étnico-raciais.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e no desenvolvimento de uma prática pedagógica organizada por meio de uma sequência didática composta por três etapas. A atividade foi realizada com estudantes das turmas do nono ano do ensino Fundamental

ISSN: 2358-8829

II (anos finais) e teve como eixo central a utilização de pinturas como ferramenta pedagógica para discutir a trajetória histórica do pequeno príncipe preto, evidenciando a resistência negra e o enfrentamento ao racismo. O primeiro momento da sequência didática foi dedicado à apresentação e à discussão do livro "O pequeno príncipe preto", de Rodrigo França, buscando promover reflexões sobre a representatividade negra, a ancestralidade e a importância histórica da cultura africana. No segundo momento, foram apresentadas aos estudantes as características artísticas sobre pintura, bem como as técnicas e os recursos necessários para sua elaboração. Por fim, no terceiro momento, os estudantes produziram suas próprias pinturas, desenvolvendo narrativas artísticas autorais a partir das discussões realizadas durante a oficina.

Como culminância da atividade, as pinturas foram expostas nos espaços coletivos da escola, organizados em formato de desfile, localizada no ambiente escolar e nos corredores da instituição. Essa exposição teve como finalidade compartilhar as produções dos estudantes com a comunidade escolar, ampliando o alcance das reflexões sobre a valorização da cultura afro-brasileira e a construção de práticas educativas antirracistas.

De acordo com Lakatos e Marconi (2001, p. 183), a pesquisa bibliográfica reúne publicações já existentes sobre determinado assunto, incluindo livros, artigos, revistas, pesquisas acadêmicas, monografias e teses, possibilitando ao pesquisador estabelecer contato com diferentes produções e conhecimentos relacionados ao objeto investigado. Nesse sentido, a revisão bibliográfica contribuiu para fundamentar as discussões sobre educação antirracista, resistência negra, literatura de cordel e representatividade feminina na história brasileira.

Além disso, a prática pedagógica aproximou-se da perspectiva da observação direta discutida por Becker (1999), uma vez que o desenvolvimento da oficina possibilitou acompanhar as atividades realizadas pelos estudantes e observar suas formas de participação e produção. Essa aproximação com o contexto escolar favoreceu a compreensão dos sentidos atribuídos à experiência educativa, considerando a interação dos participantes com a temática e com o processo de pinturas.

REFERENCIAL TEÓRICO

As desigualdades educacionais no Brasil não podem ser compreendidas exclusivamente a partir dos conteúdos curriculares ou dos marcos legais que orientam a educação, sendo necessário considerar também os condicionantes geográficos,

ISSN: 2358-8829

socioeconômicos e culturais que atravessam as trajetórias escolares de diferentes grupos sociais. Esses fatores influenciam diretamente as condições de acesso, permanência e aprendizagem, evidenciando que a experiência educacional não ocorre de maneira homogênea. Nessa perspectiva, a interseccionalidade, conforme discutida por Collins (2019), constitui uma importante ferramenta teórico-analítica para compreender como diferentes sistemas de opressão e desigualdade (especialmente aqueles relacionados à raça, ao gênero e à classe social) se articulam, produzem experiências distintas e podem ser reproduzidos nas estruturas e nas práticas institucionais da escola. Assim, analisar a educação sob uma perspectiva interseccional significa reconhecer que os desafios educacionais estão relacionados a estruturas sociais mais amplas, exigindo práticas pedagógicas que considerem a diversidade dos sujeitos e suas diferentes condições de existência.

A Lei nº 10.639/2003 representa um marco importante nesse processo, ao estabelecer a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial da educação básica. Posteriormente, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, instituídas em 2004, reforçaram a necessidade de práticas pedagógicas que promovam o reconhecimento da história e da cultura africana e afro-brasileira (BRASIL, 2003; BRASIL, 2004).

Segundo Davis (2016), a história das mulheres negras precisa ser compreendida considerando as relações entre raça, gênero e classe social. A autora demonstra que as experiências das mulheres negras foram historicamente atravessadas por formas particulares de exploração e discriminação, que não podem ser explicadas apenas a partir das desigualdades de gênero ou das desigualdades raciais consideradas separadamente. Essa reflexão contribui para compreender a necessidade de valorizar as trajetórias das mulheres negras e reconhecer seu protagonismo na construção histórica, política e cultural da sociedade.

A arte, enquanto linguagem de expressão e comunicação, possibilita interpretar a realidade social e construir posicionamentos diante das desigualdades. No ambiente escolar, sua utilização amplia as possibilidades de aprendizagem, pois permite que os estudantes expressem suas compreensões por meio de diferentes linguagens, ultrapassando os limites da exposição oral e da produção escrita.

Segundo Hooks (2013), a educação deve ser compreendida como uma prática de liberdade, capaz de estimular o pensamento crítico e possibilitar que os sujeitos

questionem as estruturas de dominação presentes na sociedade. Nessa perspectiva, o processo educativo não deve se restringir à transmissão de conteúdos, mas criar condições para que os estudantes participem ativamente da construção do conhecimento e reflitam sobre as relações sociais que atravessam suas experiências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização da oficina pedagógica possibilitou observar a potencialidade da arte como instrumento de reflexão, expressão e enfrentamento das desigualdades étnico-raciais e de gênero no ambiente escolar. A partir das discussões desenvolvidas em torno da obra O Pequeno Príncipe Preto, de Rodrigo França, os estudantes foram convidados a refletir sobre ancestralidade, identidade negra, representatividade, valorização da cultura africana e manifestações do racismo e do machismo presentes nas relações sociais. Nesse contexto, a produção de pinturas em tela constituiu o principal resultado da atividade, permitindo que os conhecimentos e as reflexões construídos durante a oficina fossem traduzidos em expressões artísticas.

O processo de elaboração das pinturas representou um momento de construção coletiva e individual de sentidos, no qual os estudantes puderam utilizar cores, símbolos, imagens e mensagens para comunicar suas percepções sobre as questões discutidas. As telas produzidas assumiram diferentes possibilidades de representação, expressando sentimentos de pertencimento, resistência, valorização da identidade negra, denúncia das práticas discriminatórias e defesa do respeito às diferenças. Dessa forma, a atividade ultrapassou a dimensão técnica da pintura, tornando-se uma oportunidade para que os participantes desenvolvessem narrativas visuais comprometidas com a valorização da diversidade e o questionamento das desigualdades.



ISSN: 2358-8829

Fonte: Autoral

Um dos aspectos centrais da experiência foi a construção de uma narrativa antirracista por meio da arte. Ao discutir a ancestralidade e a riqueza histórica e cultural do continente africano, a proposta buscou romper com representações limitadas e estereotipadas que frequentemente associam a África a perspectivas de pobreza, precariedade e inferioridade. Em contraposição, a oficina procurou evidenciar a pluralidade dos povos africanos, suas produções culturais, conhecimentos, histórias e contribuições para a formação da sociedade brasileira. Nesse sentido, as pinturas constituíram possibilidades de afirmação simbólica da identidade negra e de reconhecimento da ancestralidade como elemento fundamental da construção das identidades individuais e coletivas.

Além da dimensão racial, a proposta também possibilitou estabelecer reflexões sobre as desigualdades de gênero e as manifestações do machismo na sociedade. A construção de uma narrativa antirracista e antimachista exige compreender que as experiências de discriminação não se apresentam de maneira isolada, uma vez que raça, gênero e classe social podem se articular na produção de diferentes formas de desigualdade. A arte, nesse contexto, apresenta-se como uma linguagem capaz de questionar padrões discriminatórios e construir representações que afirmem o protagonismo, a dignidade e a diversidade das mulheres. É importante destacar que os resultados dessa experiência não devem ser avaliados exclusivamente pela quantidade ou pelo acabamento estético das pinturas, mas principalmente pelo processo de reflexão, criação e expressão proporcionado aos estudantes. A relevância pedagógica da atividade está na possibilidade de articular conhecimento, sensibilidade e consciência social, utilizando a arte como instrumento de problematização das relações de poder e das práticas discriminatórias presentes no cotidiano. Dessa maneira, a oficina demonstrou que a literatura e a produção artística podem atuar conjuntamente na construção de práticas educativas antirracistas e antimachistas. As pinturas elaboradas pelos estudantes materializaram diferentes formas de interpretar e comunicar as discussões realizadas, transformando o espaço escolar em um ambiente de expressão, reconhecimento e resistência. Assim, a experiência reafirma que a educação não deve se limitar à transmissão de conteúdos, mas também possibilitar a formação de sujeitos críticos, capazes de reconhecer desigualdades, questionar preconceitos e participar da

ISSN: 2358-8829

construção de relações sociais fundamentadas no respeito, na equidade e na valorização das diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da atividade, a articulação entre leitura, diálogo e produção artística favoreceu a construção de um espaço de reflexão e participação, no qual os estudantes puderam expressar suas interpretações sobre o racismo, a resistência, a representatividade e a importância da ancestralidade. Nesse processo, a produção de pinturas em tela assumiu um papel significativo, pois permitiu transformar as discussões realizadas em manifestações visuais carregadas de sentidos, sentimentos e posicionamentos. As obras produzidas representaram não apenas o resultado de uma atividade prática, mas também formas de expressão, denúncia, valorização e resistência diante das manifestações de discriminação racial presentes na sociedade.

A experiência também reforça a necessidade de que a educação antirracista não seja desenvolvida apenas em datas comemorativas ou em atividades pontuais, mas incorporada continuamente ao planejamento pedagógico e às práticas educativas. Nesse sentido, a valorização da cultura africana e afro-brasileira precisa estar presente no cotidiano escolar, por meio de conteúdos, metodologias e experiências que reconheçam a contribuição histórica, política, social e cultural dos povos africanos e de seus descendentes. Essa perspectiva dialoga com a Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na educação básica, reafirmando a responsabilidade da escola na promoção de uma formação comprometida com a diversidade e o combate ao racismo.

Portanto, conclui-se que a oficina constituiu uma experiência pedagógica relevante ao articular literatura e arte como instrumentos de formação crítica, valorização da identidade negra e enfrentamento das desigualdades étnico-raciais. Mais do que produzir pinturas, a proposta buscou construir um espaço no qual os estudantes pudessem reconhecer a ancestralidade como fonte de conhecimento, pertencimento e resistência, compreendendo que a luta antirracista também se manifesta nas práticas educativas, nas relações cotidianas e nas formas de representação cultural. Assim, as telas produzidas materializam um conjunto de vozes e expressões que reivindicam respeito, reconhecimento e igualdade, reafirmando a escola como um espaço de construção de uma sociedade plural, democrática e antirracista.

Palavras-chave: Escola, Anti-racista, Ancestralidade, Cultura, pinturas

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecemos a Deus pelo dom da vida, ao CONEDU pela oportunidade única de desenvolver um congresso sobre Educação extremamente necessário. E em especial, a nossa orientadora Evangelina Leão que foi a idealizadora desse projeto e nos agraciou com esse convite.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: MEC, 2004.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FRANÇA, Rodrigo. O Pequeno Príncipe Preto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.